



GUIA GÊNERO E FEMINISMO



COMISSÃO DIRETORA
2023-2024

Senador Rodrigo Pacheco
PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo
PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha
SEGUNDO VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho
PRIMEIRO-SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues
TERCEIRO-SECRETÁRIO

Senador Weverton
SEGUNDO-SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim
QUARTO-SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrilli
Senadora Ivete da Silveira

Ilana Trombka
DIRETORA-GERAL

Senador Dr. Hiran
Senador Mecias de Jesus
SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Gustavo A. Sabóia Vieira
SECRETÁRIO-GERAL DE MESA

Stella Maria Vaz Santos Valadares
**COORDENADORA DO COMITÊ PERMANENTE PELA
PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO E RAÇA**

Equipe Técnica

André Mendonça Cândido
Antonia Ladyjane Nascimento da Silva
Carlos Roberto Marcelino
Gerciena Barbosa dos Santos

Ludmila Neves Barbosa da Silva
Marleide Bispo Rodrigues
Nereida Odessa Lima de Paula
Stella Maria Vaz Santos Valadares

Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça do Senado Federal

(Portaria da Diretoria-Geral nº 5486, de 2023)

Ficha Técnica

Redação/Edição: Gerciena Barbosa dos Santos
e Stella Maria Vaz Santos Valadares

Revisão dos textos: Stella Maria Vaz Santos Valadares e Roberta Viegas

Diagramação e Arte: André Mendonça Cândido, Gerciena Barbosa dos Santos e Joana Franches

Fotos/Imagens: Canva

Brasília, 8 de março de 2024

Sumário

- 3** **Feminismo e gênero: alguns conceitos**
- 7** **Ondas feministas**
- 12** **Vertentes feministas**
- 19** **Outras perspectivas de análise**
- 22** **Bibliografia**



**Feminismo e gênero:
alguns conceitos**

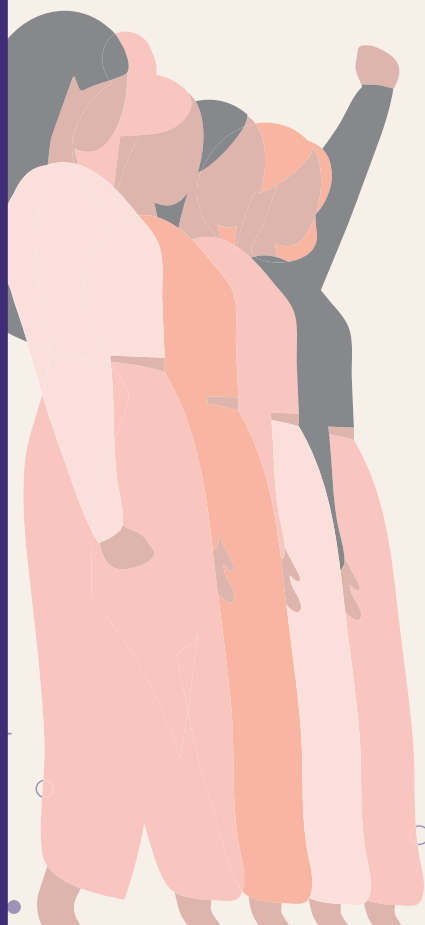
Os estudos de gênero e feministas podem parecer complexos à primeira vista e causar certa estranheza. Entretanto, compreender alguns termos e conceitos em relação a esses estudos pode contribuir para um maior esclarecimento sobre lutas importantes, além de entender como e por que o mundo se organiza de uma determinada forma que não é favorável para mulheres.

Os conceitos são importantes nas teorias feministas pois permitem que tenhamos mais clareza sobre fenômenos que acontecem cotidianamente com as mulheres enquanto grupo.

Ao longo da história dos movimentos feministas, várias mulheres de diversos setores sociais e de diferentes trajetórias de vida buscaram se reunir com o objetivo de entender a exploração e a opressão a que são submetidas pelo fato de serem mulheres.

O ativismo, aliado à teorização sobre a sua condição na sociedade, criou uma diversidade de perspectivas que ainda hoje reverberam nos movimentos sociais liderados por mulheres.

Este guia não tem o intuito de ser exaustivo, e sim dar um panorama inicial para incentivar a leitura sobre as questões de gênero. A seguir, elencamos alguns dos conceitos básicos que atravessam várias abordagens feministas:



Feminismo: movimento político e social protagonizado por mulheres e que tem como objetivo a eliminação da cultura de dominação masculina sobre as mulheres.

Patriarcado: sistema político e ideológico que mantém a dominação masculina sobre as mulheres (por meio da exploração do trabalho reprodutivo e da subordinação sexual).

Machismo: preconceito que se baseia na crença da superioridade dos homens sobre as mulheres.

Sexismo: muito semelhante ao machismo, o sexismo diz respeito a uma ideia pré-concebida de que há um sexo/gênero melhor que outro. Geralmente é usado por homens contra mulheres.

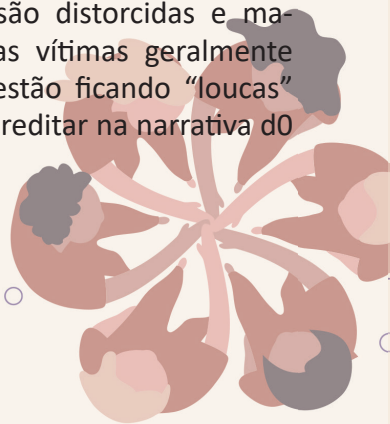
Papéis de gênero: são os estereótipos atribuídos às pessoas quando elas nascem. Meninas são colocadas na “caixinha rosa” (devem ser doces e delicadas, gostar de maquiagem, de brincar de boneca e afins), meninos são colocados na “caixinha azul” (devem ser agressivos e rudes, gostar de esportes, de brincar de carrinho e afins).

Misoginia: ódio às mulheres pelo fato de serem mulheres.

Mansplaining: termo em inglês que, traduzido, seria algo como “homem-explicando”. O conceito se refere ao comportamento comum e socialmente aceito de homens se dirigirem a mulheres, explicando a elas coisas que elas já sabem ou “corrigindo” o conhecimento ou as ideias delas.

Maninterrupting: termo em inglês que, traduzido, seria algo como “homem-interrompendo”. O conceito se refere ao comportamento de homens que interrompem constantemente mulheres em discursos e no cotidiano, em rodas de conversa e afins, impedindo-a de expressarem suas ideias ou de continuarem suas falas.

Gaslighting: termo em inglês que significa “abuso psicológico”. O fenômeno *gaslighting* acontece quando informações são distorcidas e manipuladas e as vítimas geralmente sentem que estão ficando “loucas” e passam a acreditar na narrativa do abusador.



Heterossexualidade compulsória:

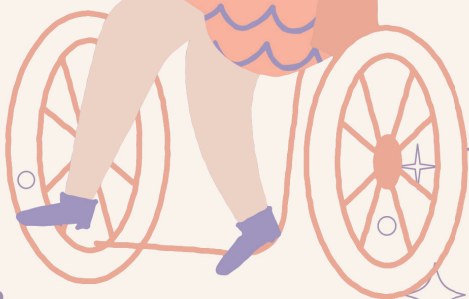
trata-se de um condicionamento social que define a heterossexualidade como norma e condena as outras formas de orientação sexual. Sob uma ótica feminista, a heterossexualidade compulsória serve para manter as mulheres subordinadas e sempre disponíveis sexualmente aos homens.

Maternidade compulsória: é um condicionamento social que impõe a maternidade como norma para as mulheres e condena aquelas que não desejam ter filhos. Sob uma perspectiva feminista, a maternidade compulsória funciona como uma ideologia que dita que é por meio da maternidade que as mulheres se realizam. Além disso, a maternidade compulsória serve para manter as mulheres atreladas aos homens, pais de seus filhos, sem que elas possam fugir dessa configuração.

Sororidade: termo que foi elaborado nos grupos de conscientização feminista na década de 1960 e cunhado pela escritora Kate Millett em 1970. Tem como significado a “irmandade entre mulheres”, isto é, uma união para apoio político, emocional, comunitário e afetivo apenas entre mulheres. Esse termo veio como um contraponto ao conceito de “frater-

nidade”, que é focado nas experiências masculinas sobre união entre pares.

Dororidade: termo cunhado pela escritora Vilma Piedade que questiona os limites do conceito de sororidade. Piedade foca nas relações entre mulheres negras por meio de suas experiências em comum. Desse modo, dororidade significa a união política, emocional e afetiva entre mulheres negras, considerando suas dores tanto em relação à opressão de gênero quanto à opressão de raça. Esses conceitos não aparecem em um vácuo. Eles são cunhados por meio de teorias sociais e políticas feministas, que observam a realidade em que mulheres estão inseridas e buscam descrever essa realidade de modo a modificá-la. As teorias feministas são múltiplas e se constroem ao longo da história, de acordo com os acontecimentos e com os diferentes processos sociais que permeiam a vida das mulheres ao redor do mundo. Além disso, as teorias feministas são diversas, espelhando a diversidade de mulheres existentes e que partem de várias localidades.





Ondas feministas

Antes de compreender as vertentes do movimento feminista, é importante primeiro entendermos um pouco sobre as ondas que deram pavimento para o nascimento dos feminismos. “Onda” é uma denominação usada para classificar os períodos histórico-políticos (e até mesmo geográficos) dos principais movimentos ativistas organizados por mulheres, não necessariamente movimentos feministas.

A diferença entre os primeiros e os últimos é que os movimentos ativistas organizados por mulheres podem envolver uma diversidade de temas e reivindicações não circunscritos às questões de gênero, enquanto os movimentos feministas têm como objetivo central a libertação feminina do jugo patriarcal (e podem ser chamados também de “movimentos de libertação das mulheres”).

Os conceitos são importantes nas teorias feministas pois permitem que tenhamos mais clareza sobre fenômenos que acontecem cotidianamente com as mulheres enquanto grupo.

Ao longo da história dos movimentos feministas, várias mulheres de diversos setores sociais e de diferentes trajetórias de vida buscaram se reunir com o objetivo de entender a exploração e a opressão a que são submetidas pelo fato de serem mulheres.

O ativismo, aliado à teorização sobre a sua condição na sociedade, criou uma diversidade de perspectivas que ainda hoje reverberam nos movimentos sociais liderados por mulheres.

Este guia não tem o intuito de ser exaustivo, e sim dar um panorama inicial para incentivar a leitura sobre as questões de gênero. A seguir, elencamos alguns dos conceitos básicos que atravessam várias abordagens feministas:



Primeira Onda

A primeira onda feminista nasce entre os séculos XVIII e XIX por meio de mulheres que sequer se consideravam feministas, uma vez que ainda não havia teorias específicas para basilar o movimento de libertação das mulheres.

Apesar disso, algumas escritoras começaram a elaborar as primeiras reivindicações feministas, se pautando na luta por direitos básicos como direito à educação, à participação política, direito ao trabalho e ao voto. Essa onda tem como característica um ativismo de mulheres muito baseado em ideais da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) e focado na inserção das mulheres no mundo público (espaço anteriormente proibido para elas).

Alguns movimentos sociais liderados por mulheres na primeira onda incluem: movimento sufragista, movimento abolicionista, movimentos socialistas/comunistas.



Segunda Onda

A segunda onda feminista surgiu por volta da segunda metade do século XX, particularmente entre as décadas de 1960 e 1970 no mundo anglófono. Nessa onda, as teorias feministas mais robustas começaram a surgir e a se consolidar.

Durante essa onda, as mulheres buscavam entender de forma mais profunda como funciona a opressão e a exploração por parte dos homens contra elas e, além de empreenderem em análises teóricas, também buscaram se organizar em grupos para entenderem de maneira coletiva os problemas que enfrentavam.

Foi na segunda onda que surgiram os *consciousness raising groups* (grupos de conscientização), criados para que mulheres se reunissem, pensassem juntas, compartilhassem experiências em comum e criassem teoria feminista.

As características principais dessa onda são: discussões sobre sexualidade, dominação masculina, casamento e família, direitos reprodutivos, resgate da história das mulheres etc. Alguns movimentos sociais liderados por mulheres na segunda onda incluem: movimento pela libertação das mulheres, movimento lésbico, movimento pelos direitos civis, movimentos antiguerra, movimento hippie.



Terceira Onda

A terceira onda feminista nasce por volta da década de 1990, e tem origem principalmente em território estadunidense, espalhando-se posteriormente para outras localidades. As ativistas e autoras organizadas na terceira onda são filiadas a tradições de pensamento que não envolvem universalismo ou grandes narrativas sobre os problemas sociais e políticos; muitas delas rechaçam ideologias que buscam explicar os fenômenos sociopolíticos por meio de generalizações.

O foco particular da terceira onda está nas questões de diversidade e inclusão, com destaque para movimentos que se comprometem em pautar as categorias identitárias dos sujeitos políticos e lutam contra diferentes formas de discriminação.

As características principais dos feminismos da terceira onda são, portanto, disputa de narrativa, foco nas questões de linguagem e suas relações com o poder. Alguns movimentos sociais liderados por mulheres na terceira onda incluem: movimento negro, movimento indígena, movimento trans, movimento ambientalista.





**Vertentes
feministas**

Feminismo Liberal

É uma vertente que remete às sufragistas. Se preocupa com os aspectos legais das questões de gênero e cujo objetivo é a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Para feministas liberais, a opressão contra mulheres é produto da desigualdade de oportunidades dentro da sociedade patriarcal e capitalista, o que significa que um mundo ideal seria aquele em que mulheres teriam as mesmas condições de competição e de participação na esfera pública, ao lado dos homens.

O feminismo liberal também tem tradição associada às primeiras mulheres que denunciavam a subordinação feminina a partir da revolução francesa, com destaque para Olympe de Gouges (francesa defensora dos direitos das mulheres e abolicionista que foi guilhotinada por causa de seus ideais) e Mary Wollstonecraft (inglesa também defensora dos direitos das mulheres e mãe da grande Mary Shelley).

Essa vertente feminista, entretanto, não busca destruir grandes sistemas estruturais de exploração, pois considera que reformas legais e políticas por meio desses sistemas (como direito ao voto, direito a cotas em partidos e direito a salários iguais) são a melhor maneira de resolver as questões de gênero existentes.

Suas principais pautas são: direitos iguais de salário, direitos iguais de participação política, descriminalização do aborto, luta para mulheres acessarem cargos elevados em empresas, luta por direitos iguais entre maternidade e paternidade, luta contra assédio em ambientes de trabalho etc. Algumas autoras e ativistas importantes dessa vertente incluem: Bertha Lutz, Nísia Floresta, Elizabeth Cady Stanton, Susan Brownell Anthony, Betty Friedan e Susan Moller Okin.

Feminismo Socialista

É uma vertente filiada às tradições socialistas e/ou marxistas de pensamento, nascida dentro de partidos políticos de esquerda e tem como objetivo a emancipação das mulheres por meio de sua completa inserção no mundo público do trabalho. Para feministas socialistas, a opressão contra as mulheres é causada pela propriedade privada dos meios de produção e a consequente desigualdade criada no seio da família burguesa, de modo que apenas com o fim do capitalismo todas as mulheres estarão livres.

O feminismo socialista está ligado aos primeiros escritos tratando das questões femininas desde uma perspectiva socialista/comunista, com destaque para os trabalhos de Alexandra Kollontai (liderança da Revolução Russa).

Essa vertente não considera o patriarcado um sistema de opressão e exploração, pois esse sistema é apenas o capitalismo; o patriarcado seria, segundo as feministas socialistas, um subproduto cultural do capitalismo, ou seja, é a superestrutura criada pelas condições econômicas da infraestrutura. Desse modo, essa vertente entende que as mulheres só conquistarão a libertação se lutarem ao lado dos trabalhadores e se filiarem a associações trabalhistas, para se engajarem na luta de classes.

Suas principais pautas são: trabalho doméstico, crítica à família burguesa, emancipação das mulheres por meio do trabalho, direitos trabalhistas para mulheres etc. Algumas autoras e ativistas importantes dessa vertente incluem: Heleieth Saffioti, Angela Davis, Clara Zetkin, Wendy Goldman, Mariarosa Dalla Costa e Silvia Federici.



Feminismo Radical

É uma vertente que nasceu por iniciativa de mulheres dissidentes de partidos socialistas na década de 1960, principalmente em países anglofônos. Essas ativistas de esquerda denunciavam que a questão da dominação dos homens sobre as mulheres não era levada em consideração pelos “camaradas” dos partidos, portanto criaram um movimento separatista cuja teoria política se baseia na premissa de que o patriarcado é a raiz (daí o nome radical) da opressão e da exploração das mulheres.

As feministas radicais cunharam o conceito de “o pessoal é político” para argumentar que mulheres são subjugadas por relações de poder não apenas na esfera pública, mas também na esfera privada. O objetivo dessa vertente é identificar e combater a chamada “supremacia masculina”, por meio da abolição de gênero e da busca pela sexualidade autônoma feminina (longe da heterossexualidade compulsória).

Feministas radicais entendem que o “gênero” é uma opressão contra mulheres, pois para elas o gênero é definido como um conjunto de estereótipos impostos sobre o sexo, por isso precisam ser “abolidos”. Suas principais pautas são: crítica à prostituição e à pornografia, lesbianismo separatista, crítica à maternidade e à heterossexualidade compulsórias, crítica ao movimento trans e aos direitos das pessoas trans, denúncia da indústria da beleza etc. Algumas autoras e ativistas importantes dessa vertente incluem: Catharine Mackinnon, Andrea Dworkin, Sheila Jeffreys, Linda Bellos, Julie Bindel e Tânia Navarro-Swain.



Feminismo Materialista

Essa é uma vertente com tradição baseada no movimento de libertação das mulheres da década de 1970 na França. Tem muitas semelhanças tanto com o feminismo socialista quanto com o feminismo radical, porque frequentemente utiliza o embasamento teórico de ambos. Seu objetivo é entender o sistema capitalista e o sistema patriarcal como interligados e indissociáveis, funcionando para manter as mulheres em estado de constante subordinação econômica e sexual.

Diferentemente das feministas socialistas, as feministas materialistas argumentam que o capitalismo não é o único sistema de exploração das mulheres, pois estas também são exploradas por meio do trabalho reprodutivo e sexual dentro do âmbito privado. E diferentemente das feministas radicais, as feministas materialistas argumentam que a parte econômica do patriarcado é muito mais relevante para se entender as dinâmicas das relações entre homens e mulheres na sociedade.

Suas principais pautas são: trabalho de cuidado, economia patriarcal, relação entre patriarcado e capitalismo, crítica ao casamento e à família nuclear etc. Algumas autoras e ativistas importantes dessa vertente incluem: Helena Hirata, Christine Delphy, Simone de Beauvoir, Jules Falquet, Danièle Kergoat e Nicole-Claude Mathieu.



Feminismo Interseccional

Essa é uma vertente surgida por volta da década de 1990 e teve como marco as transformações nos movimentos feministas devido às pressões de mulheres de minorias étnico-raciais, que não se sentiam representadas por nenhum dos movimentos feministas da época. Além disso, essa vertente teve impulso com as crises de paradigma surgidas como consequência de dois importantes acontecimentos histórico-políticos: a queda do Muro de Berlim e a derrota da União Soviética.

O feminismo interseccional tem como objetivo para diferentes identidades das mulheres, (considerando diversidades em termos de raça, classe, sexualidade, entre outras) e busca combater de forma conjunta todas as discriminações que afetam essas mulheres.

Ao contrário das demais vertentes feministas, o feminismo interseccional não tem um compromisso com nenhuma corrente político-ideológica específica também não segue doutrinas que buscam fazer explicações generalizantes, por isso essa vertente se opõe ao universalismo de outras perspectivas feministas.

Para as feministas interseccionais, é importante lutar ao mesmo tempo para combater todas as formas de exploração vigentes, o que significa que o foco não deve ser apenas a questão de gênero ou de libertação das mulheres. Desse modo, o feminismo interseccional também critica as exclusões perpetradas pelas demais vertentes feministas, que por vezes deixavam de analisar especificidades como raça e/ou etnia e sexualidade.

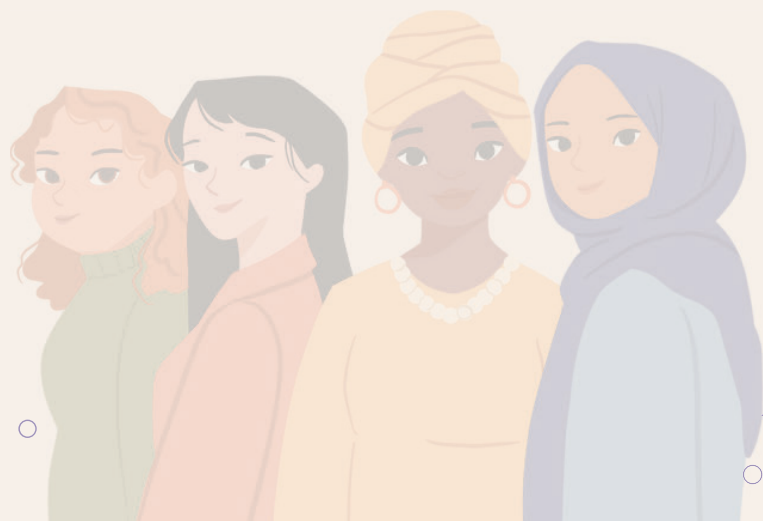
Suas principais pautas são: identidade de gênero, identidade de raça, sexualidades, inclusão, diversidade combate a privilégios sociais, combate a discriminações etc. Algumas autoras e ativistas importantes dessa vertente incluem: Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Djamila Ribeiro e Chimamanda Ngozi Adichie.

Apesar de cada vertente ter sua particularidade, é importante ressaltar que frequentemente as pautas defendidas por umas se entrecruzam com as pautas defendidas por outras.

Desse modo, apesar de a busca por direitos iguais ou pela descriminalização do aborto serem pautas mais identificadas com o feminismo liberal, não significa que, por exemplo, o feminismo interseccional ou outras vertentes não defendam essas pautas também. Além disso, uma vertente sempre pode incorporar fundamentos teóricos de outras, o que demonstra uma constante dinamicidade na construção de saber feminista.

As vertentes são consideradas grandes agrupamentos teóricos fundamentais para os movimentos de libertação das mulheres perseguirem um ideal de sociedade longe da opressão e exploração das mulheres. Geralmente, as vertentes buscam identificar as origens dessa opressão e exploração, cada qual à sua maneira. Na maioria das vezes, também tentam olhar para o que as mulheres, enquanto grupo, carregam em comum.

Entretanto, surgem críticas por parte de grupos diversos de mulheres, que questionam as limitações das vertentes feministas. A partir dessas tensões, originam-se linhas de análise particulares que podem ou não se convergir com as vertentes feministas.





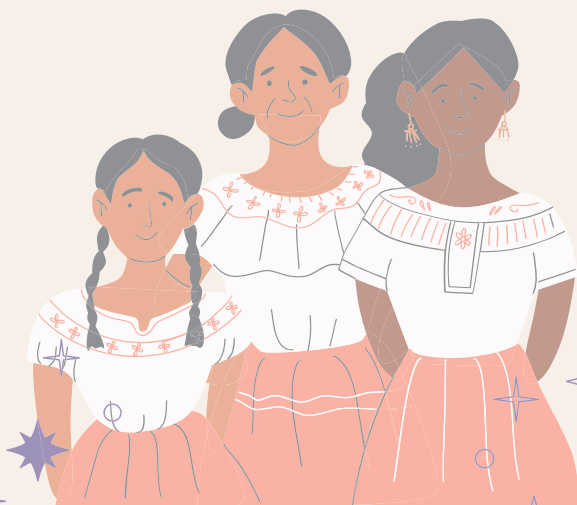
**Outras perspectivas
de análise**

Feminismo Negro

Essa é uma perspectiva de análise, que também pode ser considerada uma vertente. É focada nas experiências e na particularidade da opressão contra mulheres negras ao redor do mundo. O feminismo negro teve impulso por meio do ativismo do coletivo estadunidense Combahee River, na década de 1980, que tinha como objetivo fazer frente tanto ao movimento feminista liderado por brancas quanto ao movimento pelos direitos civis, liderando por homens negros. Ao mesmo tempo, as ativistas do Combahee River lutavam contra o racismo e o sexismo, e ainda iam além: buscavam perceber as discriminações em torno de sexualidade também. Algumas autoras e ativistas importantes do feminismo negro incluem: Barbara Smith, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Sueli Carneiro, Carla Akotirene.

Feminismo Indígena

Não é unânime a ideia de que exista um feminismo indígena, pois as mulheres indígenas argumentam que não há uma unidade rígida entre os povos e, por consequência, os interesses das mulheres em cada povo é singular. Além disso, várias mulheres indígenas tensionam os limites do conceito de feminismo e questionam até que ponto elas cabem nesse movimento; para muitas, lutar apenas enquanto mulheres não é viável, já que precisam estar sempre ao lado dos homens para defender suas terras e seu povo. Entretanto, há uma reinterpretação do que se considera feminismo, de modo a abarcar as particularidades da questão feminina em comunidades indígenas. Algumas ativistas importantes dos movimentos indígenas incluem: Joenia Wapichana, Sônia Guajajara, Katú Mirim, Julieta Paredes e Txai Suruí.



Feminismo Lésbico

É uma perspectiva de análise baseada nas vivências e experiências das mulheres lésbicas. Teve início por volta da década de 1970 no contexto de países anglófonos. As feministas lésbicas começaram sua teoria criticando tanto o feminismo de mulheres heterossexuais quanto o movimento gay pela libertação. Aliás, uma característica marcante das análises de feministas lésbicas é o reconhecimento da heterossexualidade como uma instituição política. Para muitas teóricas, essa orientação sexual seria na verdade um regime político e não algo inato dos indivíduos. Elas também argumentam que o lesbianismo seria a razão lógica da libertação feminina e defendem que o feminismo deve centrar-se no amor entre mulheres (seja amor sexual ou de amizade). Algumas autoras e ativistas importantes do feminismo lésbico incluem: Adrienne Rich, Audre Lorde, Cheryl Clarke, Sheila Jeffreys, Janice Raymond, Mary Daly e Monique Wittig.

Feminismo Decolonial

É uma análise baseada em um conjunto de movimentos sociais que lutam contra o imperialismo, o colonialismo e o racismo, principalmente nos contextos dos países latino-americanos. Tem como base o feminismo interseccional, o que significa que prioriza compreender os fenômenos sociais sempre com perspectiva de gênero, raça, classe, idade e diversos outros marcadores sociais que perpassam a vida das mulheres nos contextos de dominação de países hegemônicos. Essa linha de análise busca entender como a violência contra mulheres é fruto do colonialismo do Ocidente sobre a América Latina e o Caribe. Algumas autoras e ativistas importantes do feminismo decolonial incluem: María Lugones, Gloria Anzaldúa, Ynderkys Espinosa e Ochy Curiel.





Bibliografia

ALEIXO, Isabela. Existe feminismo indígena? Seis mulheres dizem pelo que lutam. Portal Geledés, 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/existe-feminismo-indigena-seis-mulheres-dizem-pelo-que-lutam/>> Acesso em 14 mar. 2024.

BOTELHO, Julia. Vertentes do feminismo: conheça as principais ondas e correntes. Politize!. Publicado em 11/02/2022, atualizado em 29/01/2024. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/feminismo/>> Acesso em 11 mar. 2024.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LORDE, Audre. Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MORAIS, Yasmin. "O Que é o Feminismo Negro?". Medium, 2019. Disponível em: <[O que é o Feminismo Negro?. Conheça a abordagem, teorias e eventos... | by Yasmin Morais | Medium](https://www.medium.com/@yasminmorais/o-que-e-o-feminismo-negro?from_source_tracking=share_facebook)>. Acesso em: 14 mar. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PATEMAN, Carole. O contrato sexual. São Paulo: Paz & Terra, 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SOUSA, Natália. Por que feminismo não é suficiente pra luta das mulheres indígenas?. Revista Az Mina, 2022. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/por-que-feminismo-nao-e-suficiente-pra-luta-das-mulheres-indigenas/>> Acesso em 14 mar. 2024.

TRUJILLO, Gracia. O feminismo queer é para todo mundo. Salavador, BA: Devires, 2022. 163 p.

VERGÈS, Françoise. Um feminismo decolonial. 1. ed., 1. reimpr.. São Paulo: Ubu, 2020. 144 p.